

**O ESPAÇO DA ESCUTA NA ESCOLA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA: DESAFIOS,
RESISTÊNCIAS E CONQUISTAS**

Simone Alves Costa

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Este artigo tem como objetivo debater sobre o espaço da escuta na escola, na formação de educadores, tendo como fundamento prático minha experiência como coordenadora pedagógica numa Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de São Paulo, com o espaço de formação continuada de professores que optaram pela Jornada Especial Integral de Formação (JEIF), no ano de 2013. A partir dessa experiência, é possível analisar qual é o espaço da escuta na escola e como esse espaço, na formação continuada de educadores, se dá, levando em conta os desafios, as resistências e as conquistas. Para tal análise, dialogo com autores que refletem sobre a experiência, a formação continuada e a prática dos coordenadores pedagógicos, dentre eles: Jorge Larrosa, Philippe Perrenoud, Luiza Helena da Silva Christov e Eliane Bambini Gorgueira Bruno, dentre outros, bem como os estudos realizados no Grupo de Pesquisa: Arte e Formação de Educadores, do Instituto de Artes da Unesp.

O ESPAÇO DA ESCUTA NA ESCOLA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA: DESAFIOS, RESISTÊNCIAS E CONQUISTAS.

Simone Alves Costa. Instituto de Artes – UNESP

Este artigo tem como objetivo debater sobre o espaço da escuta na escola, na formação de educadores, tendo como fundamento prático minha experiência como coordenadora pedagógica numa Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio (EMEFM), na cidade de São Paulo, com o espaço de formação continuada de professores que optaram pela Jornada Especial Integral de Formação (JEIF), no ano de 2013. A partir dessa experiência, é possível analisar qual é o espaço da escuta na escola e como esse espaço, na formação continuada de educadores, se dá, levando em conta os desafios, as resistências e as conquistas. Para tal análise, dialogo com autores que refletem sobre a experiência, a formação continuada e a prática dos coordenadores pedagógicos, dentre eles: Jorge Larrosa, Phillipe Perrenoud, Luiza Helena da Silva Christov e Eliane Gorgueira Bambini, dentre outros, bem como os estudos realizados no Grupo de Pesquisa: Arte e Formação de Educadores, do Instituto de Artes da Unesp.

Iniciei exercício na escola no ano de 2013, a qual se trata da experiência a ser narrada. Vale ressaltar que a escola atende a diversas modalidades, tais como Ensino de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. O meu campo de atuação foi com o Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A formação continuada, na prefeitura de São Paulo, se dá pela opção da Jornada Especial Integral de Formação (JEIF), sendo que esta opção só é possível para o professor que tem 25 aulas atribuídas, ou seja, não contempla todos os professores da escola. A JEIF é um espaço instituído de formação continuada, com tempo de duas horas aula por dia, de segunda a quinta feira. Neste espaço, temos também o Projeto Especial de Ação (PEA), que constitui no projeto de formação dos professores, com seus objetivos, ações e avaliações, relacionados ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

O grupo de educadores participantes da JEIF naquele ano era constituído em sua maioria por professores que atuavam no Ensino Fundamental II, alguns também atuavam no Ensino Médio e apenas dois professores atuavam do Ensino Fundamental I, ou seja, tratava-se de um grupo heterogêneo tanto em suas

formações iniciais, disciplinas que lecionavam, quando em suas áreas de atuação. O número de participantes era por volta de 25 professores.

Para a elaboração do Projeto Especial de Ação (PEA) do ano de 2013, primeiramente apresentei a tabulação da avaliação do PEA de 2012, ao qual em sua maioria constava que os professores eram assíduos e pontuais. Em relação ao cumprimento do cronograma, as respostas eram concisas, afirmando que o cronograma fora cumprido dentro do esperado. Sobre os resultados esperados as respostas, em geral, foram que estava dentro das expectativas e, por fim, sobre avaliação das referências bibliográficas, a maioria citou que foi estudado o Referencial de Avaliação do Aluno de Inclusão (RAADI), material elaborado pela equipe da Secretaria Municipal de Educação, e textos sobre indisciplina e legislação, com respostas sucintas e generalizadas, sem citar textos específicos. Observei nestes resultados que as questões elaboradas eram generalizadoras, sem abrir espaço para a escuta, assim como as respostas muito parecidas, sintéticas e generalizadas.

Após a explanação da tabulação dos dados, propus a leitura do PEA de 2012 para que fizéssemos ajustes e mudanças, coletivamente. Ao decorrer da leitura, fazia perguntas sobre como foi o processo do ano de 2012, pois eu não estava presente, porém observei que o grupo estava muito silencioso, alguns citaram algumas práticas de trabalhos em campo com os alunos, mas no geral, havia pouca participação do grupo no início das reuniões. Quando retomei o PEA, com sugestões minhas e incentivando os professores a se colocarem se concordavam ou não, sobre a bibliografia e outros itens do projeto, um professor colocou que nunca haviam lido e relido o PEA antes daquela forma, e foi aí que se deu o primeiro momento do espaço à escuta, pois a partir da colocação desse professor, os demais se colocaram. Observei que eles estavam muito cautelosos em relação ao que falar, e ao mesmo tempo curiosos para saber qual seria minha condução em relação ao grupo.

Ao dar andamento nas reuniões, e com o andamento das aulas, também observei uma urgência em falar sobre a indisciplina. Todo início das reuniões os professores relatavam fatos que ocorreram em sala de aula relacionados à indisciplina e eu os deixava relatar, fazendo questionamentos sobre como aquele aluno era em relação ao aprendizado, se tinha alguma dificuldade e eles relatavam que sim, mas que tínhamos que tomar atitudes emergenciais em relação à indisciplina.

Propus então que fizéssemos um diagnóstico de leitura e escrita com todos os alunos do Fundamental II e Ensino Médio, por meio de uma atividade de

interpretação de texto que seria aplicada por todos os professores na segunda aula, ao mesmo tempo, assim, seria uma forma de envolver todos os educadores da escola em tal atividade. A escolha do texto e a elaboração da atividade foram feitas na JEIF. Neste momento de preparação, observei que os professores se colocaram mais. Após a atividade, a tabulação dos resultados também foi feita em JEIF e os professores começaram a trocar ideias sobre as dificuldades dos alunos, sobre o nível de aprendizagem deles. A partir da tabulação da atividade diagnóstica, apresentei os dados em Reunião Pedagógica, ou seja, com a participação de todos os educadores da escola que atuavam no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Desta forma, os professores se colocaram a respeito das dificuldades dos alunos. Então propus que eles se reunissem em grupos para elaborar uma sequência didática, com o objetivo de trabalhar a dificuldade da leitura e da escrita dos estudantes em todas as disciplinas. Cada grupo registrou e apresentou para o coletivo e dessa forma, foram discutidas as possibilidades práticas das propostas.

Dentre as propostas dos professores, transcreverei uma delas, como exemplo do que foi discutido:

“Registro da sequência didática por componente curricular/área de conhecimento. Elencar a principal habilidade/competência leitora ou escritora:

Disciplinas: História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Competência geral: Construção da autonomia do pensamento e da argumentação.

Habilidade específica: Compreender o processo de formação sócio espacial brasileiro, a partir da reforma agrária.

Sequência de Atividades: Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos a partir da leitura de um texto: poema, jornalístico ou vídeo; discussão com os alunos sobre o assunto; Atividades: reescrita, elaboração e confecção de mapas temáticos, trabalhos de campo e relatórios de campo, análise de imagens.”

Ao caminhar pelos grupos, durante a elaboração da proposta, observei que os professores acabaram refletindo sobre a definição de sequência didática, sobre competências e habilidades, debateram sobre os aspectos em comum em suas disciplinas, ampliaram as possibilidades de atividades, englobando outras disciplinas que não estavam no grupo, ou seja, foram reflexões enriquecedoras.

Alguns professores ficaram preocupados e perguntaram se tinham que trabalhar as sequências didáticas em sala de aula. Respondi que podiam trabalhar apenas se fosse significativo para eles. Apenas estava propondo um exercício. Porém

outros professores não ficaram satisfeitos e questionaram sobre a utilidade prática da proposta, como se estivéssemos perdendo tempo e então coloquei que era um espaço de troca de experiências, reflexão sobre as dificuldades dos alunos e as possibilidades de práticas, mas que não os obrigaria a realizar as sequências se não as fosse significativas.

Este foi um exemplo de uma proposta, que foi desenvolvida em três meses.

Ao longo das reuniões, e do dia a dia da escola, observei nos professores uma urgência em resolver suas questões, como se eu tivesse a solução para os seus problemas e, no entanto, sempre que fazia uma proposta de refletir sobre as práticas dos próprios professores, a conversa ia para o caminho da queixa e da culpabilização. A resistência em refletir sobre a própria prática foi latente ao longo de todo o ano de 2013, e acredito que permanecerá ainda por algum tempo, pois é necessário o coordenador pedagógico consolidar sua prática em relação ao grupo e à escola e isso demanda tempo. Este grupo de professores tinha um histórico de troca de coordenador pedagógico a cada ano, e isso gerou uma insegurança ao novo e um mecanismo de defesa, que leva tempo para romper as práticas e concepções cristalizadas.

No grupo, observei que o fato de eu abrir espaço para a escuta causava um incômodo naqueles que tem sua prática da educação bancária, esperando que o coordenador dite as regras, determine o que será ensinado ou o que será feito em determinado projeto. A ausência da determinação do coordenador pedagógico gerou críticas à própria prática do coordenador de não se posicionar diante das situações. Este incômodo reflete na concepção do professor de educação e de gestão, pois acredito que o um dos papéis do coordenador pedagógico no processo de formação continuada é o da negociação do ponto de vista de Philippe Perrenoud que afirma: “Negociação quer dizer debate, confronto de ideias, busca de um denominador comum, construção de um consenso no qual cada ator faz concessões em relação às suas posições e às suas expectativas iniciais.” (PERRENOUD, 2010, p.9)

Quando há o espaço da escuta e as sugestões dos professores para os projetos da escola são levadas em conta no espaço coletivo, isso gera um compromisso o qual todos são responsáveis pelo fracasso ou pelo sucesso do projeto. A participação de todos pode incomodar alguns devido a essa responsabilização, pois a participação coletiva dos projetos faz com que todos reconheçam as falhas e sugiram as melhoras.

Na medida em que o grupo começou a se colocar, a explicar suas ideias e concepções, também ficou claro para mim a heterogenia do grupo não só em relação à formação, ou disciplina que leciona, mas em relação às concepções de educação, a valores e ideais. Assim sendo, pude conhecer melhor cada um em sua individualidade, entender o fundamento dos conflitos e dos interesses em comum e dialogar melhor com o grupo e com cada um.

Observei então que os conflitos existiam entre os professores, pela dificuldade que eles tinham de escutar uns aos outros. Muitas vezes, quando falamos sobre a escuta, apenas ouvimos aquilo que nos facilita a atingir o nosso objetivo, ou a confirmar nossa convicção. Segundo Perrenoud: “Ninguém poderá participar de uma negociação tendo, como única determinação, convencer os outros com base nas suas convicções, sem estar disposto a chegar a um denominador comum.” (PERRENOUD, 2010 P. 22)

O espaço da escuta na escola não pode se dar apenas no grupo de formação continuada, ou apenas com os educadores. Para entendermos a escola e suas necessidades é necessário criar espaços de escuta com funcionários, entre a equipe gestora, com os pais e, principalmente com os alunos.

Observei que, quando eu, coordenadora pedagógica, criei espaços de escuta na escola, por meio de diálogos individuais, diálogos coletivos em sala de aula, diálogo por meio de reuniões com representantes de classe, diálogos entre pais e filhos, educadores e estudantes, enfim, diálogos entre pessoas, também gerou conflitos, questionamentos e resistência. Esta resistência pode se dar pois escutar o outro é assumir riscos. Segundo José Contreras Domingo, em seu artigo: O valor da escuta: “A escuta, quando é verdadeira, requer aceitar o mistério e a surpresa do outro. É o desejo de entender algo de alguém; de alguém que reconhecemos como outro, mas que não sabemos nem supomos quem seja, à espera da relação com esse indivíduo e do que decorrerá dela.” (DOMINGO, 2013, P. 22) Lidar com o desconhecido acaba sendo um risco, que nem sempre estamos dispostos a correr.

Quando o coordenador pedagógico adota uma postura de escuta com os alunos, ele é um exemplo diante dos professores e a partir de então surgem, nas conversas, as concepções de cada um. Alguns me questionaram sobre essa escuta, porque, para que, outros ironizaram, outros também tinham a escuta com os alunos também. Para que esse espaço seja aberto, é necessário estar receptivo ao outro para que a escuta esteja aberta “(...) a ouvir o não sabido, o não esperado e, por paradoxal que possa parecer em relação à aspiração investigativa, a escuta é

verdadeira se não está preocupada em interpretar, mas sobretudo em escutar.” (DOMINGO, 2013, P 12).

As reuniões de formação deram prosseguimento ao longo do ano e, como o espaço escolar é dinâmico e imprevisível, a continuidade dos estudos foi constantemente interrompida por questões como greve, demandas da Secretaria Municipal de Educação, propostas e planos de governo, demandas administrativas, o qual houve muitos conflitos, pois a direção também estava iniciando exercício na escola no mesmo ano, portanto, muitas dúvidas e questionamentos foram tratados em horário de JEIF, ora com a presença do diretor, ora com o espaço que eu abria para discutir questões latentes ao dia a dia dos professores, com a proposta de levar as questões a toda equipe gestora.

Após o segundo semestre, observei que os professores estavam mais à vontade no grupo de formação, fazendo colocações, algumas ainda queixosas, mas em sua maioria, estavam relacionadas à busca de soluções. Sabemos que o segundo semestre em todas as escolas, é um momento de tensão, principalmente para os anos em que há a retenção, pois é o momento de colocar a prova o trabalho realizado. São momentos de avaliações e de cobranças por resultados, e portanto é necessário que o coordenador consiga manter o equilíbrio entre acolher os professores que estão à flor da pele e ao mesmo tempo cobrá-los em sua função de oferecer todas as oportunidades possíveis de aprendizagem aos alunos.

Ao final do ano, foi realizada a avaliação de nosso PEA de 2013. Para tal avaliação, modifiquei as questões, pois eu tinha como objetivo que os professores se colocassem e fizessem uma auto reflexão. Ao tabular as repostas das questões, foi possível identificar a individualidade de cada um, cada um teve sua voz diante de um coletivo, o que caracterizou uma conquista desse processo de escuta.

Na primeira questão: Qual tema ou conteúdo trabalhado foi mais significativo? Apareceu a diversidade dos temas e conteúdos: discussão sobre Regimento Escolar; Palestra com os funcionários e engenheiros do metrô; visita à obra do metrô; visita à Biblioteca Belmonte; organização da mostra cultural; análise da matriz curricular; texto sobre Retinose Pigmentar; leituras e reflexões sobre indisciplina e aprendizagem; os estudos de caso; reflexão sobre critérios de avaliação; discussão sobre inclusão digital; preocupação com estudantes de inclusão; leitura do texto EM Diálogo; textos que trabalharam a inclusão; texto sobre TDAH; critérios de avaliação e retenção; constituição das temáticas para a mostra cultural. Cada resposta foi de

um professor diferente, e apenas duas ou três se repetiram, ou seja, o que eles citaram foi realmente significativo para eles.

A segunda questão: Qual avaliação que faz de sua colaboração do PEA 2013? A maioria colocou, à sua maneira, que sua participação foi satisfatória, alguns até citaram suas formas de participação.

Ao serem questionados sobre os pontos positivos e negativos do PEA 2013, na pergunta 3, também houve inúmeras respostas diferenciadas. Como pontos positivos os professores citaram: integração dos professores; participação de todos; leituras e discussões durante o projeto; passeios; leituras e debates propostos bem escolhidos; bons debates a respeito de questões pedagógicas; grupo comprometido e assíduo; discussão de assuntos pertinentes aos nossos problemas entre outros assuntos; Conhecimento do entorno da escola. Como pontos negativos foram citados: pouca utilização de recursos tecnológicos; maior formação dirigida à prática; infraestrutura da sala com maior conforto, espaço com tecnologia; acúmulo de tarefas devido à grande demanda de um calendário externo; leitura do regimento acelerada, não proporcionou a reflexão necessária; pautas menos extensas e melhores concluídas pelo grupo; Falho: efeitos das discussões no melhor aproveitamento dos alunos, relativos a conteúdos programáticos e currículo; pouca discussão sobre o Nível I.

Na última questão, ao qual pergunto sobre as sugestões para continuidade do PEA em 2014, também houve sugestões variadas: mais visitas a lugares culturais da cidade; palestras com especialistas e profissionais da saúde; oficinas, massagens, momentos desestressantes; atividades mais dinâmicas; incluir filmes relacionados aos temas do PEA; leitura e discussão de textos sobre legislação; oficinas com psicólogos para orientar o trabalho com alunos NEE (Necessidades Educacionais Especiais); uso de tecnologias; dividir os dias vinculados a temas; palestras com modelos de atividades para trabalhar com alunos de inclusão.

Ao levarmos em consideração os resultados da avaliação do PEA em 2012 (que em sua maioria eram os mesmos professores) e a avaliação de 2013, é possível constatar que os estudos feitos, bem como as reflexões, foram significativas de um modo geral, pois atingiu a cada um de alguma maneira, devido a diversidade dos temas citados por eles mesmos. Além disso, o fato de eles se colocarem efetivamente diante das questões, se sentindo à vontade para fazer suas críticas, pois estavam sendo ouvidos, demonstra uma preocupação efetiva com o próprio processo de formação. O fato de darem sugestões e fazer as críticas também reflete

a dinâmica de formação ao qual há espaço para escuta e que, a partir de então, se inicia uma formação efetivamente coletiva, levando em consideração a subjetividade de cada um. Claro que as resistências ainda permanecem e, como já coloquei, permanecerá existindo, mas houve mudança da relação que o professor estabeleceu com seu espaço de formação, pois neste espaço ele pôde falar sobre seus desejos e foi ouvido.

Nesta experiência pude perceber que quando eu escuto o outro eu estou estudando o outro, entendendo o outro, para procurar meios de dialogar com o outro. Alguns estão com os escudos tão fortes o qual o diálogo ainda não se estabeleceu, outros estão tão frágeis que é necessário falar baixinho, com jeito, ouvir mais e outros talvez nunca falarão, nunca estabelecerão o diálogo, pois não é por isso que ele está ali.

No entanto, não basta criar espaços de escuta, é necessário saber o que fazer com o que se ouve. E nem sempre ouvimos o que queremos ou o que esperamos, mas é preciso também e principalmente lidar com as divergências. A escuta nos permite ler o outro e assim, ler a si mesmo, pois, segundo Luiza Helena da Silva Christov e Eliane Bambini Gorgueira Bruno: “O coordenador pedagógico é um leitor: de seus professores, dos estudantes, da comunidade na qual está inserida a escola, da cidade, do país, do mundo contemporâneo. Mas antes de tudo é um leitor de si mesmo, de seus pressupostos, seus limites, suas dores, suas conquistas e seus aprendizados. Um leitor de sua experiência.” (CRHISTOV e BRUNO, 2013, p. 88)

Quando narro e quando leio essa experiência, consigo detectar os avanços, as conquistas, as dificuldades, estabelecer um novo olhar sobre aquilo que me passou e principalmente, diante dessa leitura, replanejar minha prática, com um olhar mais apurado, cauteloso e ao mesmo tempo mais ousado, predisposta a assumir riscos, pois é no espaço da escuta e do não sabido, que as experiências também acontecem e os desejos se revelam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva e BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira. **O coordenador pedagógico como gestor do currículo escolar**. In O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola. São Paulo: Edições Loyola, 2013

DOMINGO, José Contreras. **O valor da escuta**. In Revista Pátio: Ensino Médio, Profissional e Tecnológico. Grupo A, PNBE periódicos, Ano V, nº 18, set/nov 2013

PERRENOUD, Philippe. **Aprender a negociar a mudança em educação: novas estratégias de inovação**. Curitiba: Editora Melo, 2010